Rua 23-19-3.º E

Ano V — Lisboa, Julho de 1949 — N.º 51

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50
Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

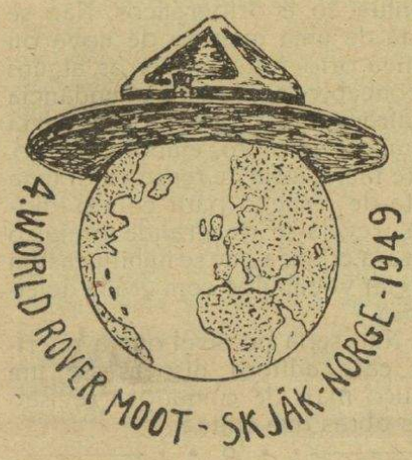
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O 4.º "ROVER-MOOT„ MUNDIAL

—||—



Dentro de muito poucos dias, exactamente em 2 de Agosto, Escoteiros-Seniores chegados das cinco partes do mundo em obediência à chamada do seu ideal, içarão as suas bandeiras em Skjak, legendária região da nórdica Noruega, lugar escolhido como cenário do 4.º Acampamento Internacional de «Rovers», o 4.º «Rover-Moot» Mundial.

Para receber os seus irmãos de todo o mundo, os Seniores noruegueses procuraram uma das zonas mais belas do seu país, lugar predilecto dos amigos da natureza, muito visitado no inverno pelos esquiadores, e no verão pelos excursionistas e alpinistas. Um vale situado no coração de um importante maciço montanhoso, ao norte de Galdhopiggen, o cume mais alto do país. Uma região intimamente ligada à mitologia nórdica, que dizia que as montanhas eram habitadas por seres sobrenaturais. É por isso que a região situada ao sul do acampamento do «Rover-Moot» é conhecida com o nome de Jotunheimen, que significa a «morada dos deuses».

Nessa romântica comarca, os jovens do Escotismo mundial unir-se-ão em estreito abraço que sele a sua sã amizade, para afirmar, uma vez mais, os seus anseios de paz, a sua confiança nos valores humanos, a sua fé na vida, o seu desejo de um mundo melhor e mais justo, debaixo do signo do amor; o seu afã de serviço para bem dos seus semelhantes.

Um friso de bandeiras multicolores, tantas quantos os países representados, flutuarão juntas no ar montanhês, em justo pé de igualdade, nessa autêntica democracia que afirma que todos os homens são filhos de Deus. Uma bandeira verde com a Lis de ouro, cobrirá com a sua sombra a fraternidade *roveriana.*

Ali se fomentará a verdadeira compreensão internacional, baseada no mútuo conhecimento pessoal, já que o acampamento estará organizado em Divisões constituídas por 10 Patrulhas de diferentes nacionalidades, às quais serão agregados Seniores noruegueses em missão de ajuda, intérpretes e guias. Os chefes dessas divisões serão eleitos pelas próprias Patrulhas que as compõem.

Ali, os jovens de hoje, cantarão juntos e alegres ao redor do fogo do acampamento, e estudarão em comum os problemas que a todos nos afectam nesta hora de crise da civilização, em busca de soluções para aplicar em cada caso.

As firmes pisadas desses jovens, que no «Roverismo» aprenderam a remar a sua própria canoa, soarão fortes e seguras pelas terras norueguesas, e as montanhas enviarão o seu eco por todos os meridianos terrestres, esse eco que ouviremos esperançados, nós, Escoteiros-Seniores, que não pudemos acudir à chamada do «Rover-Moot», mas que enviaremos a Skjak os ardentes votos dos nossos corações...

E esse eco do 4.º «Rover-Moot» será bastante potente para cruzar terras e mares, e chegar a esse cálido rincão do Quénia, onde o fundador do Roverismo repousa tranquilo, e que, pela primeira vez, não poderá acudir à grande chamada do «Rover-Moot».

B. P. e nós, desejamos-vos, irmãos do «Rover-Moot», um bom acampamento.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

Escotismo e Religião

■ ■

As seguintes declarações do Conselho Supremo dos Escoteiros (Inglaterra) resumem o que tem sido a linha de conduta do escotismo nas suas origens em matéria de regras religiosas, que foram aprovadas em Inglaterra pelas autoridades das principais confissões.

1.º — Espera-se que cada escoteiro se una a uma confissão religiosa, assistindo aos seus cultos.

2.º — Quando um grupo é composto de membros duma denominação religiosa particular, o instrutor tomará, de acordo com o ministro dessa religião, as medidas que se julguem melhores em matéria de serviços de instrução religiosa.

3.º — Quando um grupo é composto de escoteiros pertencendo a diferentes confissões, aconselhar-se-á a seguir cada um os cultos de sua denominação, não sendo organizados serviços em comum. Durante os acampamentos, a oração quotidiana e o culto semanal destes grupos serão o mais simples possível, tendo cada um liberdade de assistir ou não.

4.º — Quando as regras religiosas não permitam a um escoteiro assistir aos serviços religiosos duma igreja que não é a sua, os chefes velarão para que, enquanto o Escoteiro estiver sob as suas ordens, estas regras sejam estritamente observadas.

Diversos grupos têm verificado que serviços religiosos especiais, reservados aos escoteiros, são muito úteis e muito apreciados.

De «*Scouting for Boys*»

Escotismo e Militarismo

I

Tenho ante mim umas revistas escotistas sul-americanas, relativamente recentes. Nelas, fotografias e mais fotografias de escoteiros desfilando marcialmente por qualquer motivo, com rutilantes bandas de cornetas e tambores, debaixo do mando de aguerridos chefes com botas de montar e correame militar. Fotografias de escoteiros formados em linha, rìgidamente «firmes», sérios, demasiadamente sérios para serem rapazes, e espantosamente sérios para serem escoteiros. Uns escoteiros estranhos, sem calção curto, com as mangas da sua camisa cuidadosamente abotoadas nos punhos, cintura muito apertada, uma ampla correia de couro sujeitando o chapéu debaixo do queixo, e um bordão extraordinàriamente comprido (1).

Se as revistas carecessem de data — 1947, 1948 — asseguraria que as fotografias eram do ano de 1912 ou 14. Porém são actuais, só de há alguns meses, e, além disso, o texto o confirma sem dar lugar a dúvidas. Um texto repleto de resenhas de desfiles e formações, de Juramentos de Bandeira e mais desfiles, desde a capa até ao final da revista. Numa página aparece algo sobre «práticas escotistas»; modo de saudar um Instrutor, um Guia, um oficial do exército que passe pela rua...

Em face de tudo isto, será de estranhar que, com mais frequência do que desejaríamos, o Escotismo tenha sido apodado de movimento militarista?

Não, o Escotismo não é militarismo e defendemos esta verdade com toda a nossa alma. Porém, nós o sabemos, que temos estudado os fundamentos de B. P., que vemos mais do que esses desfiles que às vezes são necessários, porém servem quase sempre só para dar razão aos nossos detractores, empenhados em contemplar sòmente esses Grupos de Escoteiros — ou ainda escoteiras — que em lugar de seguirem o Grande Jogo, se comprazem em brincar aos soldaditos.

* * *

Faz pouco tempo, o Governo Militar da zona alemã ocupada pelos Estados Unidos, publicou um comunicado no qual anunciava haver dissolvido uma organização escotista, em face do seu carácter francamente militar, no que respeita a estrutura, distintivos e jerarquias.

A medida adoptada pelo Governo Militar correspondia, possìvelmente, a uma norma política da ocupação, ainda que escotistamente esteja também plenamente justificada a dissolução.

Agora bem: a ética castrense do recém-nascido escotismo alemão, é uma consequência lógica dos métodos político-pedagógicos aplicados no dito país durante os últimos tempos. Depois de vários anos de marchar a passo de parada, é muito difícil que, da noite para o dia, a juventude alemã se adapte ao nosso são e alegre conceito de caminhar na vida. Um bocadinho por natureza e muito por educação, o rapaz alemão actual ainda conduz em si o gérmen do militarismo.

Pelo contrário, carecendo destes antecedentes, com muitos anos de experiência escotista, com meios e liberdade para seguir o caminho recto, porque em alguns pontos da democrática e jovem América os escoteiros ainda brincam aos soldaditos?

Pode-se ser ou não ser partidário de Baden-Powell e do seu sistema, porém escotismo só há um, e uma Associação de escoteiros militarizados não é escotista.

* * *

Quisera chamar a atenção dos Chefes e dos Seniores, futuros Instrutores, para este importante problema; importante não só na vida interna do Movimento Escotista, senão também na sua projecção no exterior das Associações. Quisera que investigássemos juntos, até ao âmago da questão, até concretizar de modo claro e inequívoco o que há de certo no militarismo e não-militarismo do ideal de B. P.

Como sempre, se se trata de analisar alguma faceta do Escotismo, também nisto devemos ir às fontes de origem, quer dizer, ao próprio B. P., aos seus escritos e às suas ideias, aos seus livros fundamentais; tudo isso que, com tanta frequência, olvidamos para seguir uma rotina que, quase sempre, nos desvia do bom caminho. Sugiro este caminho porque nos

(1) N. R.—Depois da Conferência Interamericana de Escotismo, as associações escotistas Sul-Americanas têm procurado uniformizar os seus fardamentos e métodos, num simpático esforço de aproximação com o sistema de B. P.

(Conclui na 3.ª página)

Literatura Infantil

O problema da literatura infantil é um assunto que tem sido muito descurado, especialmente no que se refere ao interesse educativo que deve ter. Os jornais infantis, explorando o gosto de aventura do rapaz, alimentam-lhe o espírito com ódios, vinganças, crimes.

Para obviar este mal, procuramos colocar ao alcance das crianças livros em que, sem prejuízo da aventura que o rapaz tanto aprecia, se lhe possa ministrar alguns conhecimentos, alguma cultura. Eis que outro problema nos surge: a falta de cuidado na ortografia. Adquirimos há dias alguns livros de Salgari, edição de uma conhecida casa de Lisboa. Ficámos decepcionados com a falta de cuidado, com os repetidos erros de pontuação e ortográficos. Não se trata de uma questão de nova ou antiga ortografia, mas erros, alguns inconcebíveis e numa abundância confrangedora, que se não devia admitir num livro, embora barato. Este facto, além de representar uma falta de respeito para com o idioma, revela-se de grande prejuízo para a criança que se habitua assim a reter vocábulos com grafia defeituosa.

Não seria possível que a referida casa editora dispensasse um pouco mais de cuidado à revisão das obras que edita?

• • o • •

A Exposição Internacional de Desportos, em Estocolmo, foi "assaltada„ por guerreiros "Vikings„

Um dos grandes atractivos da Exposição Internacional de Desportos, que se inaugurou em Estocolmo em 17 de Junho findo, foi um *dragão* dos «*Vikings*», construído nuns estaleiros suecos. Este barco, fez viagens com 50 passageiros, que tiveram assim a sensação de viajar num barco igual aos que, antigamente, os célebres piratas normandos utilizavam nas suas incursões até ao Mediterrâneo.

Os 30 tripulantes do *dragão* mais os seus chefes, ao chegarem ao recinto do grande certame, fizeram-lhe um assalto à maneira dos normandos, depois de seguirem, no referido barco, a rota clássica dos antigos guerreiros, entre recifes, à vela ou remando. Foram, em primeiro lugar, à residência real de Verão, em Tullgarn, onde o rei Gustavo lhe conferiu uma mensagem de saudações que eles levaram, com toda a rapidez, para a Exposição de Desportos.

A galera tem 21,35 metros de comprimento e 4,88 de largura e pesa cerca de 15 toneladas. É uma cópia fiel de um conhecido barco «*Viking*» que foi, em tempos, encontrado na Noruega. Tem condições para atravessar o Mar do Norte e vai ser empregada em viagens aos países vizinhos, entre as quais uma a Helsínquia, em 1952, por ocasião dos Jogos Olímpicos que ali se realizarão.

• • o • •

CASAMENTO

No Porto, no passado dia 19 de Junho, efectuou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Felismina Pires de Almeida com o nosso estimado assinante e irmão-escoteiro Sr. Paulo Araújo Dias Leitão.

Aos noivos o «*Sempre Pronto*» expressa os melhores desejos de mil felicidades.

Escotismo e Militarismo

(Conclusão da 2.ª página)

livros de B. P. estão claramente previstos todos os problemas de ordem geral que se apresentam no desenvolvimento e prática do Método Escotista. Lógico é, pois, que estudemos a B. P. se queremos seguir as directrizes de B. P.

* * *

Os primeiros escoteiros que receberam de B. P. este nome, eram soldados. Foi B. P. coronel quem atendeu pessoalmente à instrução moral e prática daqueles soldados escolhidos, até criar o tipo de combatente que precisava na guerra do Transvaal. Daquela experiência puramente militar, brotou a ideia feliz do Grande Jogo, que nós seguimos. E, devemos fixar bem, «Grande Jogo» é uma palavra que não cabe em nenhum dicionário castrense. Por ele B. P. foi a Brownsea, sem uniforme de soldado.

Como disse P. Bovet (1) «não deixa de ser notável um soldado não haver cedido nunca à tentação de levar a formação cívica alheia a modos militares». E é tanto mais chocante e digno de atenção, quando muitos dos que se dizem seus seguidores, ainda não sendo soldados, resvalaram ràpidamente pelo fácil caminho da imitação militar.

Com a certeza de visão nele característica, B. P. separa claramente, desde o princípio, o militar do escotista. Perfeito conhecedor das fibras humanas que há-de agitar para fazer de um homem um soldado, e sabedor também de que o soldado anseia as lides guerreiras, como consequência natural da sua formação profissional, B. P. tem a firme convicção de que, de uma juventude educada militarmente, mais tarde ou mais cedo, surge uma comunidade militarista, precisamente o que constitui o polo oposto ao ideal *poweliano*.

O não-militarismo de B. P. é, talvez uma das facetas do nosso Movimento mais difícil de compreender pelos observadores superficiais, especialmente se não formam nas nossas filas. Porque como a palavra «militarista» se presta a muitas interpretações, e por outro lado o Escotismo concede grande importância à educação patriótica do rapaz, os que se enredam na primeira palavra, agarram-se como desesperados à palavra patriotismo. E, o patriotismo, não é nada disso do tambor, de marcar passo, de toques de clarim e de vozes de comando. Depois, a tomar carácter de Sargento e a dispor os rapazes a quatro de fundo, aí está o militarismo, o patriotismo, o escotismo e tudo mais. E como, além disso, a coisa parece ter êxito, porque os garotos gostam de brincar aos soldados, quem duvida da capacidade do Instrutor que assim procede?

Porém, o Chefe capacitado escotistamente, o Sénior verdadeiro que se põe à frente de um Grupo de Escoteiros, não podem cair nessa trágica comédia do Escotismo. Os seus anos de vida activa, o seu ideal, a sua consciente responsabilidade da missão educadora que se lhe confia, obrigam-nos, como base firme para Servir, a estar completamente identificados com o espírito de B. P. Só assim se poderá caminhar firmemente pelo caminho que ele indicou.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

(1) «O Génio de Baden-Powell», edição da A. E. P., numa tradução de Antero Nobre.

PUBLICAÇÕES

Dois opúsculos da Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Mais duas conferências da L. P. P. S. acabam de ser publicadas por esta instituição.

A primeira, da autoria da Sr.ª D. Carlota de Almeida Carvalho, professora do curso liceal do Instituto de Odivelas, intitula-se «A Profilaxia da Língua Portuguesa» e é, em síntese, um grito de alarme contra os vícios da «moderna» linguagem portuguesa. Realmente, agora que o estrangeirismo e o calão pululam por aí abundantemente, são úteis e dignos de apreço os esforços dos que, contra este enxurro, procuram erguer os diques da sua boa-vontade e saber.

A autora, depois de descrever em ligeiras palavras a evolução do nosso idioma através dos tempos, ocupa-se do «abastardamento actual da nossa língua», apresentando exemplos flagrantes das máculas com que se atinge o idioma português na linguagem corrente. Aponta a seguir as causas da degenerescência e, a terminar, enumera as medidas a tomar contra o mal.

A segunda conferência, «Os Cegos como Cidadãos e como Homens», de que é autor o Sr. J. de Albuquerque e Castro, professor do Instituto dos Cegos de S. Manuel, é uma interessante demonstração das possibilidades dos cegos no seio da sociedade, procurando destruir o juízo fortemente arreigado de que eles são seres inutilizados, a quem só a nossa comiseração pode valer.

Descreve os estudos feitos no campo tiflógico e os resultados obtidos, apresentando alguns princípios a ter em conta quanto à personalidade deste grupo de indivíduos. Narra também a aplicação do método tiflógico desde a infância e os benefícios que daí advêm.

Este opúsculo constitui um bom elemento de estudo do problema da educação e do lugar que o cego deve ocupar na vida social e destrói pela base alguns conceitos erróneos que a tradição conserva, mas que a ciência há muito repudiou.

4.º "Rover-Moot" Mundial

O 4.º «Rover-Moot» Mundial, que se efectua este ano em Skjak, na Noruega, será inaugurado oficialmente na terça-feira, dia 2 de Agosto. Espera-se que nele tomem parte cerca de 4.000 escoteiros-seniores, representando umas trinta nações.

Durante o acampamento efectuar-se-ão muitas explorações nas montanhas próximas, admiráveis para a prática de campismo e montanhismo e serão feitas demonstrações de trabalhos de campo. No dia 5, efectuar-se-á uma grande reunião para discutir os problemas ligados ao «Roverismo». No sábado, dia 6, um grandioso «fogo de conselho» conjunto. No domingo realizar-se-ão serviços religiosos das confissões cristãs: evangélica e católica-romana.

No dia 11 o Acampamento será encerrado oficialmente e a 12 iniciar-se-á o êxodo dos elementos acampados.

* * *

Portugal não estará oficialmente representado no «Rover-Moot». O Sr. Presidente Interino dos Escoteiros de Portugal comunicou recentemente a todos os serviços associativos que a representação portuguesa «é impraticável» em virtude de dificuldades de ordem financeira.

12.ª Conferência Internacional de Escotismo

Perto e ao sul do «Rover-Moot», em Elvesaeter, será aberta em 10 e encerrada a 12, a 12.ª Conferência Internacional de Escotismo, a quem caberá escolher o país onde se realizará a Conferência de Comissários Internacionais do próximo ano e o «Jamboree» de 1951. Portugal é candidato, por convite da A. E. P., para receber os comissários internacionais na próxima reunião.

Segundo o mesmo comunicado a que nos referimos, Portugal estará representado nesta Conferência por seis delegados, sendo três do C. N. E. e outros três da A. E. P.

É muito possível que estejam no «Moot» dois escoteiros, que farão a viagem a expensas suas.

Não podemos deixar de lamentar a nossa ausência no «Moot» e, se se nos permite a sugestão, parece-nos que seria preferível mandar à Conferência um só delegado da A. E. P. — que seria suficiente para a missão — e mandar antes dois Seniores ao «Moot».

Falta-nos saber se os Delegados têm conhecimento de línguas estrangeiras de forma a que possam ser úteis na Conferência, ou se mais uma vez se proporcionam viagens a quem menos as merece.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ANTIGOS ESCOTEIROS

TODOS QUEREM A FRATERNAL

A criação da Fraternal dos Antigos Escoteiros é uma ideia calorosamente acalentada de Norte a Sul do País. Saudosos do tempo em que militaram nas fileiras escotistas, muitos deles têm-nos endereçado mensagens de aplauso, incitando-nos a prosseguir na campanha encetada.

Entre as recebidas, queremos dar relevo, pelo seu conteúdo, às seguintes cartas. A primeira do nosso prezado amigo E. C. D. António A. Dória, a que já nos havíamos referido no último número, é do seguinte teor:

Surge esse movimento a que... dou o meu caloroso aplauso, e mais ainda, apoio.

Há muitos anos já que, ao recordar as horas inolvidáveis do passado, eu pensava melancòlicamente que os antigos escoteiros desligados do Movimento haviam ingratamente deixado no olvido toda uma mocidade passada a trabalhar entusiàsticamente pelo alto ideal de Servir, e que nada havia, senão a já remota camaradagem, a uni-los.

Afinal outros houve que tiveram o mesmo pensamento, mas, mais felizes do que eu, lançaram mãos à obra e eis que surge esse movimento a que, com todo o meu entusiasmo de homem que ainda não descreu dos recursos dos homens de altos ideais, dou o meu caloroso aplauso e, mais ainda, apoio.

A cidade em que vivo há vinte anos possui vários grupos de escoteiros do CNE. Creio que a AEP jamais teve aqui algum representante. Por isso não é fácil lançar aqui esse movimento ardoroso a que me associo. Isso não impede que, mesmo de tão longe, eu enfileire com os meus camaradas de outros tempos — de que recordo com saudade, o Curson, o Baudouin, o Ernesto Moreira, o Cândido Braga, os rapazes do UM, e esses nomes inesquecíveis do Dr. Tovar de Lemos e de Eduardo Moreira.

.....

ANTÓNIO A. DÓRIA

Esta carta, toda recheada de fé nos altos ideais e repassada de saudade, é sem dúvida a síntese do pensar de centenas de nossos camaradas.

Outra carta do nosso estimado amigo E. C. D. Aníbal Tomás dos Santos, Escoteiro-Chefe Regional do Norte, recorda passagens da história do Escotismo em Portugal, há três decénios, nos seguintes termos:

Estou absolutamente convencido que nenhum dos nossos companheiros deixará de acorrer à chamada.

Com imenso interesse tenho acompanhado a ideia lançada nas colunas do «Sempre Pronto» a favor da organização dos Antigos Escoteiros.

A avaliar pela emoção que me possuiu ao ler a mensagem do antigo Chefe do UM, Ernesto de Sousa, e na qual se relembram factos há muitos anos passados, mas que agora me acodem à memória em tropel, eu estou absolutamente certo que todos os que um dia vestiram a farda e viveram a vida de escoteiro, fosse em que grupo fosse, acolherão, de braços abertos, o movimento que agora se pretende lançar.

E já estou antegozando o prazer com que mais uma vez encontrarei a meu lado, depois de tanto tempo volvido, os camaradas da minha juventude, o velho José Rodrigues, pouco culto mas com todas as virtudes que o tornaram um incomparável Chefe e um Amigo de todos os momentos; o velho Eduardo Namura, o Saramago, o Augusto dos Santos e o Augusto Silva, o Rux Santos, e tantos e tantos outros cujos nomes me não ocorrem de momento, e que foram nossos companheiros nos graves momentos em que nosso Glorioso Sete prestou serviço público, como nos incêndios no Depósito Central de Fardamentos, Arsenal da Marinha, Alfândega de Lisboa e Cadeia do Limoeiro; no serviço permanente de socorros a doentes no Hospital provisório instalado no Liceu de Camões por ocasião da grande epidemia da Gripe Pneumónica; no serviço de socorros a feridos e doentes nos movimentos revolucionários de 14 de Maio de 1915, 5 de Dezembro de 1917, Monsanto em 1919, 19 de Outubro de 1921, etc., etc.

Porque estou absolutamente convencido que nenhum dos nossos companheiros deixará de acorrer à chamada, a não ser por desconhecimento da ideia em marcha, eu lhe peço que persista nela, que a desenvolva e a faça apregoar aos quatro ventos para que ninguém a ignore, e o meu caro camarada disponha inteiramente do Sempre Pronto.

ANÍBAL TOMÁS DOS SANTOS

UMA IDEIA BEM ACEITE

Prova-se — se provado não estava já — que o movimento de Antigos Escoteiros de Portugal é uma realidade. Assim o demonstram as adesões que a ideia tem merecido. Eis a relação dos boletins de recenseamento recebidos até agora, escalonados pela ordem da recepção:

Srs. Albano da Silva, Gustavo Fernandes Pereira da Costa, António dos Reis Lopes, António Álvaro Dória, Eugénio Ribeiro Nunes, Prof. Dr. Marcelo José das Neves Alves Caetano, Ernesto Belo Redondo, António Gomes Vidal, Dr. Leopoldo Fernando dos Santos Figueiredo, Rui da Silva Paulo, Júlio Leão de Almeida, Aníbal Tomás dos Santos, Mário Correia, Fernando José Freire Bahia dos Santos, Gerardo Sousa Franco, Amílcar Ribeiro de Freitas Pinto, Sigvald Wiborg, António Gonçalves, Ferrer Segismundo Monteiro, Levy Augusto Lobato, José Ribeiro Monteiro Neves, José Ferreira da Silva, António Viegas Custódio, Dr. Ernesto Moreira, D. Maria Luísa Corrêa de Magalhães, Eduardo Augusto de Faria, António Castro Lobo Carvalho, Manuel Pereira da Costa Jr., Otelo Henrique de Sousa, José Manuel A. de Sousa Melo, António Ferreira da Silva, Luís Eugénio Poitout, Eugénio Dias Poitout, Manuel Teixeira, João Messias Godinho, Alberto Rodrigues Horta e Jaime Pinto Camecelha.

Tão grande enumerado de nomes, em cada um dos quais reconhecemos um bom irmão-escoteiro, é uma garantia de que a ideia merece plena aprovação. Porém, esperamos receber ainda mais verbetes. Até agora, todos os dias nos têm chegado algum, e a todos apresentamos o nosso muito agradecimento.

Na redacção do *«Sempre Pronto»* e nas sedes dos Grupos de Escoteiros podem ser pedidos boletins para preenchimento.

Após concluída a operação de recenseamento, esperamos promover uma grande reunião de Antigos Escoteiros, na qual haverá um discurso oficial proferido por um antigo escoteiro, e no final da qual serão eleitos os corpos directivos do novo organismo. Terminado o nosso trabalho de preparação, entregaremos nas mãos dos próprios antigos escoteiros a organização da Fraternal.

Esperamos que este nosso plano terá plena aprovação de todos.

As palavras do nosso assinante Sr. António Gonçalves, que, como confessa na sua carta, foi escoteiro do saudoso Um, também têm o cunho da vontade forte com que esta iniciativa de dar organização à Fraternal foi acolhida.

Diz-nos este nosso amigo:

Abracei de alma e coração a ideia da fundação da Fraternal.

Fui um dos assistentes à última confraternização dos antigos escoteiros do Grupo n.º 1, na qualidade de seu antigo componente.

Afastado há bastante tempo do convívio escotista, senti nessa reunião o quanto é elevado o espírito de camaradagem — qualidade que jamais se apagará da alma do verdadeiro escoteiro.

Abracei de alma e coração a ideia ali ventilada da fundação da «Fraternal», pelo que é com grande satisfação que envio a V. o meu boletim devidamente preenchido, manifestando deste modo não só minha adesão como o «Sempre Pronto» para que ela seja um facto, para bem do escotismo e honra para quem teve tão nobre iniciativa.

ANTÓNIO GONÇALVES

Não tenhamos dúvidas: o Movimento dos Antigos Escoteiros já existe. A atestá-lo estão as mensagens recebidas que, como estas, provam a vitalidade de que está possuída a Fraternal.

Mais 200 assinaturas

Por se encontrar retido no leito, por doença, o Administrador do nosso jornal, não nos é possível dar neste número a prometida relação das assinaturas recebidas como resultado da nossa campanha.

Temos, porém, a satisfação de informar que continuamos a registar a entrada de novas assinaturas em número animador. Precisamos, porém, de muito mais e há ainda muitos amigos do nosso jornal que, certamente, não deixarão de acorrer respondendo ao nosso apelo.

Aos que já o fizeram muito agradecemos e aos restantes afirmamos a nossa certeza no seu apoio.

• • o • •

ANSIEDADE

Prendi o meu punhal na minha mão...
Rasguei o peito... Ergui nestes meus braços
Meu pobre coração e o coração
Foi-me buscar a luz pelos espaços...

Despedacei de todo os meus cansaços
E fui de encontro às grades da prisão...
Irei aonde querem os meus passos...
Meus passos... eu sei hoje onde eles vão...

Agora estou liberto... Em minhas garras
Parti as grades e quebrei amarras
Ardo em febre... O calor de uma fornalha...

O Sol não é Sol, são mil sóis
Tenho no sangue o sangue dos heróis
E sei que vou vencer esta batalha...

AZEDO CARREIRAS

★ ● ★

QUEM NÃO SABE... PERGUNTA

Perguntas — *a)* Desejava saber se o Chefe João Clímaco do Nascimento ainda está na actividade escotista e qual o Grupo. *b)* Qual o actual Chefe do 17. Se ainda é o que era Chefe Regional.

O. S. D. e A. F. M.

Respostas — *a)* Presentemente não está. *b)* Não temos notícias deste Grupo. Está inactivo. O Chefe é o mesmo.

DR. CORUJÃO

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Insígnias de capacidade

PRÁTICO FLORESTAL

3.º Conhecer os perigos a que, tanto as árvores como as madeiras estão expostas, por exemplo: fogo, neve, insectos, doenças e animais. Discutir os meios de combater estes perigos.

Bem, irmão Escoteiro, cabe-nos hoje falar sobre assuntos tão curiosos como sejam insectos, doenças e animais.

Para que o trabalho nos seja mais fácil, trataremos estes três assuntos englobados, pois que ao fazer menção de uns, temos que falar inevitàvelmente nos outros.

Assim pois versará a nossa conversa de hoje, sobre algumas generalidades das enfermidades das árvores, agentes produtores e os meios mais aficazes para os prevenir e combater.

Entende-se por Patologia Vegetal ou Fitopatologia a ciência que tem por objecto o estudo das enfermidades das plantas.

Compreende a Patologia o estudo das causas produtoras da enfermidade, os seus sintomas exteriores e os meios práticos da luta contra a mesma (Terapêutica).

As enfermidades das árvores cultivadas podem ser produzidas pelo ataque dos animais ou de outras plantas ou ainda por outras causas como sucede quando a alteração não é provocada por algum agente patogéneo, mas sim por um desiquilíbrio da árvore produzido por certas condições do terreno, clima, etc. Podemos, pois, formar o seguinte quadro de causas produtoras de enfermidades:

1.º Por animais. Geralmente insectos, mas também mamíferos roedores, aracnídeos, moluscos, miriápodes e gusanos.

2.º Por vegetais. Geralmente fungos, ainda que também possam constituir praga certas bactérias, líquenes e algumas fanerogâmicas.

3.º Não parasitárias ou enfermidades fisiológicas.

4.º Produzidas pela inexperiência ou maus tratos do homem.

Estabelecido este quadro simplificado, passaremos revista às causas das enfermidades nele indicadas.

Insectos. — Seguramente, irmão-escoteiro, conhecerás muitíssimos insectos mas ficarás assombrado quando te disser que estes animais de corpo articulado, constituem o grupo mais rico em espécies, sendo conhecidos mais de 500.000 devidamente estudados e classificados, sendo a sua organização em alguns aspectos superior à do homem.

Como prova da sua magnífica organização e disciplina sob o aspecto social, temos os exemplos dos insectos que vivem agrupados em colónias como as abelhas e as formigas, os quais cito, por serem insectos que deves ter visto e observado nas tuas excursões pelo campo.

Têm também os órgãos dos sentidos muito desenvolvidos; muitas espécies estão providas de dois tipos de olhos, simples e compostos, sendo estes últimos formados pela reunião de muitos olhos simples o que aumenta consideràvelmente o seu campo visual; os órgãos do olfacto são de uma extraordinária perfeição, sendo além disso de uma sensibilidade extrema.

O corpo, na maior parte das espécies, está protegido por uma cutícula quitinosa, que os defende dos agentes externos e da infecção pelos micróbios, cuja entrada é tão fácil nos vertebrados superiores e no homem através das mucosas.

Se fores observador, como bom escoteiro, saberás que os insectos não têm sempre o mesmo aspecto no decurso da sua vida, mas sim que passam por diferentes fases, algumas vezes tão distintas que seria muito difícil, quase impossível, ao profano nesta matéria, reconhecer que se trata do mesmo animal.

Noutras espécies, ainda que também realizem várias transformações, a diferenciação não é tão grande e o insecto conserva durante o seu ciclo vital a mesma forma, se bem que com ligeiras variantes.

Entomològicamente diz-se que os primeiros são insectos de metamorfose complexa, e os segundos de metamorfose simples.

Referindo-nos aos mais conhecidos, podemos admitir nos insectos as seguintes fases: 1.º ovo; 2.º larva ou verme; 3.º ninfa ou crisálida e 4.º insecto perfeito.

Além dos insectos que vivem a expensas das árvores e das outras plantas, saberás que há os que são parasitas de outros animais, incluindo os homens, e outros que vivem à custa de outros insectos, que atacam e destroem.

Estes últimos são muito interessantes em Patologia vegetal pois se aproveita este instinto bem desenvolvido, para combater certas pragas com a ajuda destes insectos a que se dá o nome de úteis por viverem à custa de outros produtores de danos. Este processo de combater os parasitas designa-se com o nome de selecção biológica natural.

Todas estas considerações, irmão-escoteiro, faço-tas com o fim de te fazer realçar a importância dos insectos, pois se os julgasses em razão da sua pequenez poderias pensar que são insignificantes, e de uma organização deficiente.

Já terás visto que não é assim e que o homem, em todos os tempos, teve que estudar muitíssimo para poder alcançar algum êxito contra esses seres pequeníssimos e que tanto dano causam em algumas ocasiões.

Estuda tu também, irmão-escoteiro, e nas nossas próximas conversações entraremos mais profundamente nestes assuntos.

RAFAEL PALACIAL
PICO DE AGUILA

Tradução do Espanhol de Lídia de Medeiros.

□ □

ARQUEIRO

Insígnia: Um alvo. Cor verde.

1.º Fazer um equipamento de arqueiro compreendendo: um arco atingindo 50 metros pelo menos, três flechas empenadas, um alvo.

2.º Sobre um alvo de 1,20 m. de diâmetro atirar ao arco a 20 metros de distância e obter 15 pontos por 10 tiros (círculo branco 5 pontos, círculo 1 conta 4, 2 conta 3, 3 conta 2, e círculo 4 conta 1).

3.º Atirar no ar com o seu arco três flechas de seguida antes que alguma delas tenha caído.

4.º Atingir 3 vezes em 5 um objecto de 30 cms. de diâmetro colocado a 15 metros de altura.

Condições da concessão da insígnia — As provas serem prestadas tendo sido tomados e previstos todos os cuidados de segurança. O Escoteiro tomará o compromisso de nunca visar uma pessoa.

IMPRENSA

DIÁRIO INSULAR

Deste simpático diário da Angra do Heroísmo transcrevemos a seguinte local:

Escoteiros de Portugal

Do Chefe do Grupo 52 da Associação dos Escoteiros de Portugal, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, recebemos alguns números do jornal «Sempre Pronto» *daquela associação educativa.*

Ao sabermos que revive nesta cidade o escotismo, sob a orientação do Sr. Moniz Silva, que de há muito vem mantendo as melhores relações com organizações similares, foi com prazer que recebemos aqueles exemplares, tanto mais que, dentro do verdadeiro espírito de «scout», se apresenta aquele jornal.

Fazemos votos para que o «Sempre Pronto» *e o Grupo 52, agora reorganizado, sigam com facilidades a sua vida e agradecemos ao Sr. Moniz Silva a sua oferta.*

Agradecemos as palavras amigas do «*Diário Insular*» e fazemos iguais votos pelas suas prosperidades.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Uma visita ao Grupo n.º 5, em prosseguimento do inquérito aos Grupos da capital.



Música ambulante

«Piky» não se refazia do seu espanto. «Aquilo» sim é que era um perfeito músico! «Aquilo» sim é que era todo ele um instrumento, e não o que lhe tinha oferecido a tia Carlota! E extasiado, caminhava absorvido pelas suas meditações atrás do velho vagabundo, que golpeando sem cessar uma lata vazia, cantava e piruetava em frente de varandas e janelas, sob o sol ardente do verão, e o azul radioso do céu. Sobre o vagabundo, caía uma chuva de pobres moedas e bocados de pão duro, o que contribuía para aumentar a admiração de «Piky». Assim, quando chegou a casa, não se cansava de falar sobre o que viu ao meio-dia ao regressar do colégio.

—...E era um músico a «valer», e tinha um magnífico tambor!...

—Não era músico, era um vagabundo,—interrompia «Tody» que com ele contemplara o espectáculo — e não era tambor, mas sim uma lata de conserva vazia.

Uf!... «Piky» desesperava-se. Que costume dar a todas as coisas o seu próprio e justo nome! Com «aquele» «Tody», nunca se podia ir a qualquer lado.

—Bom, uma lata vazia! Mas já viste o que lhe davam de dinheiro?

—Sim, isso sim—contestou «Tody», pondo-se repentinamente sério.

Pelo que se via, aquele ponto da questão era o que mais parecia interessá-lo.

—Imagina tu «Tody», — continuava «Piky» — se nós intentássemos qualquer coisa parecida! Toda a receita, entregá-la-íamos no Hospital dos Meninos Pobres, para o Natal...

* * *

«Tody» objectou que ainda faltava muito para o Natal; mas como «Piky» é dos tais que não abandonam fàcilmente uma ideia, ali estavam os dois, em pleno *Gran Kursaal*, um domingo à hora do «cocktail».

Pelos passeios arenosos, recortados entre sebes verdes, movimentava-se uma multidão matizada e elegante, que àvidamente invadia as mesas das esplanadas, onde se deslocavam constantemente, de cá para lá, as jaquetinhas brancas dos criados de mesa e os fraques severos dos «maîtres d'hotel». O sol faiscava nas bandejas e copos, e do outro lado das muralhas, ouvía-se o mar com o seu marulhar incessante e rude. Às vezes, uma onda mais alta ou mais travessa que as outras, ao rebentar contra a muralha, salpicava de espuma os passeantes, que, por entre risos, enxugavam o rosto com os lenços. E... ali estavam os dois, «Piky» e «Tody», a meio da manhã perfumada, como aquele cesto de rosas com que nesse momento a florista passava junto deles.

—Começa tu, anda.

—Eu não, começa tu, tu é que tiveste a ideia.

Pois bem, começaria ele. E sem mais delongas, tirando uma lata pulida e vazia, debaixo do braço, «Piky» começou a golpeá-la, enquanto, passando por entre as mesas, cantava com toda a força dos seus pulmões:

...Porque te dava o vento
Na tua cara de rosa...

«Tody» seguia-o de longe sem ousar aproximar-se, nem desembrulhar a tampa que também trazia debaixo do braço, como tinha sido combinado.

...Porque te dava o vento
Na tua cara de rosa...

Ninguém parecia sentir grande interesse pelas aptidões filarmónicas de «Piky» que, a meio do *Gran Kursaal*, batia, cada vez com mais força, na lata vazia; entretanto, um cavalheiro que ocupava uma mesa solitária e afastada para o lado do mar, chamou-o para junto de si.

—Gostas de música, pequeno?

Um débil sim, entreabriu os lábios de «Piky», que, agora, sabendo com certeza que alguém se ocupava do seu afã artístico, estava vermelho como uma cereja.

—Porque tocas tu, meu menino, esse horrível e absurdo instrumento?

«Piky» esboçou um ligeiro encolher de ombros, enquanto com os olhos baixos murmurava o que quer que fosse sobre o Natal e o Hospital dos Meninos Pobres...

—O que dizes?—perguntava o cavalheiro, que não conseguia entender uma palavra de tudo quanto «Piky» acabava de explicar.

—Ele disse que toca esse «instrumento» porque não tem outro; —elucidou «Tody» que se tinha aproximado do amigo — e que no Natal...

—Pobrezinho, pobrezinho!—interrompeu o cavalheiro —. E onde vives, meu filho?

«Piky» deu as indicações da sua casa, e o cavalheiro, que até então não atentava noutros pormenores que não fossem a lata vazia e a carita morena de «Piky», mirou o nosso herói dos pés à cabeça.

Ali estava «Piky», bem calçado e bem vestido, para quem soubesse apreciar o bom couro sob uma camada espessa de pó, e o feitio e corte impecável dum fato, cujos bolsos rebentavam de recortes de periódicos e lápis de cores. Ali estava «Piky», que morava numa das melhores ruas da povoação.

—Vamos, vamos!...—disse o cavalheiro, sem deixar de o observar. Depois, começou a examinar «Tody», e um amável sorriso distendeu-lhe os lábios, ao contemplar aquele corpito franzino metido num fato usado e desajeitado, que gritava bem às claras ter pertencido antes a um outro dono mais alto e mais gordo que o actual.

—Vamos, vamos!...—tornou a repetir o cavalheiro.—Dizes que este é o teu amigo?

— Sim; — confirmou «Piky» — «Tody» é meu amigo do coração.

E ambos, «Piky» e «Tody», desataram a rir, olhando um para o outro, sem saber porquê.

* * *

A tia Carlota proibiu que se falasse à mesa, excepto às quintas-feiras, que segundo «Piky» são «dias grandes». Às quintas-feiras vem «Tody» almoçar com ele. Assim, quando o criado entrou na casa de jantar, teve que repetir duas vezes a frase:

—Trouxeram este embrulho para «Piky».

De um salto, eles estão em pé, enquanto a tia Carlota, desata cuidadosa os cordéis do embrulho.

— Um violino! — gritam à uma os pequenos, cujos olhos assombrados, soletram o bilhete de visita que vem junto com o romântico e melancólico instrumento:

PARA «PIKY» E «TODY»

O cavalheiro do Gran Kursaal

—O melhor que fazemos é rifá-lo—disse «Tody».—Nem tu nem eu podemos tocá-lo, a não ser que tu queiras estudar...

Não; «Piky» não queria aprender a tocar violino. Também ele preferia rifá-lo, e entregar a receita para o Hospital dos Meninos Pobres.

Assim, ambos de acordo, comunicaram o propósito a cada componente do Bando, incluindo uma Patrulha de «Rovers», que já eram exploradores de 1.ª. Mas o que a princípio parecera fácil, converteu-se na prática em algo embaraçoso e difícil. Todos estavam dispostos a organizar uma vistosa comitiva, e visitar o Hospital dos Meninos Pobres levando o produto das rifas; mas tomar parte nestas, já parecia um assunto distinto.

—Se fosse um balão...

—...ou uma «bicicleta»...

—...ou um trem de corda...

Pelo que se via ninguém estava disposto a estudar violino, como dizia «Piky».

* * *

«Tody», como sempre, queimou o seu último cartucho: Velho Lobo. Expôs o caso dum fôlego, e terminou dizendo: —... E o Chefe poderia ficar com «ele», porque o vendemos baratinho...

—Bem, «Tody»; — contestaram os olhos alegres e boca sorridente de Velho Lobo,—conta que ficarei com «ele». Já regularemos o assunto monetário; mas já pensou o meu avisado Lobito, que vou eu fazer, se não sei tocar violino?

—Isso não importa; — replicou «Tody» no auge da alegria—pode servir-lhe para qualquer «outra coisa»!

* * *

E naquela tarde, enquanto corria contente para casa do amigo, dizia «Tody»: — Está-se-me contagiando esse horrível modo de falar que tem «Piky». Disse a Velho Lobo, que poderia servir-lhe para qualquer «outra coisa», quando na realidade, para que pode servir um violino a quem não sabe tocar?

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ DE AYALA

Trad. do Espanhol de *Lídia de Medeiros*

O 69.º Aniversário do Ateneu Comercial de Lisboa

No dia 10 de Junho, efectuou-se no Ateneu Comercial uma sessão comemorativa do seu 69.º aniversário.

A reunião, presenciada por numeroso e seleccionado auditório, principiou com uma locução do Sr. Avelar Machado, que memoriou em traços largos a história do Ateneu e descreveu o que era actualmente a actividade da instituição.

A seguir foram distribuídos os diplomas aos sócios de mérito pelo presidente da Assembleia Geral, Sr. Prof. Cruz Filipe, que presidiu à sessão.

Este senhor terminou a sessão solene com uma interessante conferência em que dirigiu palavras de gratidão a sócios dedicados do Ateneu, à Direcção actual, à Imprensa e a colectividades congéneres que ali se achavam representadas.

Agradecemos o convite que nos foi enviado para o extenso e bem elaborado programa das festas do aniversário do A. C. L. e desejamos ao prestimoso e simpático estabelecimento uma vida longa, sempre na senda que tem conduzido ao Ateneu prestígio e êxitos difíceis de igualar.

FOI ASSIM MESMO...

CENAS DA VIDA ESCOTISTA

Do menos que modesto espólio de meu pai, — perluxo devoto de Santo Humberto — figurava como objecto de maior valia uma magnífica navalha de madrepérola e fino aço, com a qual o seu feliz possuidor bastas vezes despertava a cobiça de alguns dos seus companheiros de digressões venatórias. Conservada como relíquia em meu poder durante muitos anos, muito resisti às instâncias de meu filho, que alimentava a doce esperança de a possuir, a partir do seu ingresso no 79, até que, para o estimular, acedi, «emprestando-lha» no dia do seu Compromisso com as recomendações fáceis de calcular.

Escusado será dizer que, depois, o empréstimo foi renovado por prazo indefinido e, começadas as actividades, lá foram, rapaz e navalha, para acampamentos e bivaques, a ímpar de orgulho um, branquinha e reluzente em seus metais outra, alheia, como massa inerte que era, aos vãos rogos da rapaziada que por tudo e por nada a pedia por momentos.

Em preparos culinários, gravação de varas ou cortes de ramos e troncos, era vê-la deslisar airosa e veloz, sem virar o fio, como a não querer deixar mal a sua estirpe, até que um dia...

Convém talvez ao nosso assunto esclarecer que o rapaz — quem sabe se por hereditariedade — não gostava de bacalhau guisado, o que, de resto, já acontecia aos seus progenitores. Ora um belo dia de acampamento em Carnaxide, foi determinado para o almoço o tal «manjar» cuja confecção teve, como sói dizer-se, a preciosa colaboração de tão «prestimosa» navalha. Próximo da hora do almoço, era ver o Leitão — assim o conhecem no Movimento — afastado dos companheiros, muito aborrecido, virando desconfiado ora para um, ora para outro, os olhitos a prometerem lágrimas. Lá que havia coisa, havia, e da grossa, pois não era hábito tal conduta que acabou por chamar a atenção dos companheiros, provocando perguntas de toda a espécie, para as quais a resposta era sempre a mesma: «Não tenho nada».

Não se conformavam, e, de dedução em dedução, um deles, espertote, julgando ter descoberto as causas do aborrecimento, elucidou os restantes: «Então não sabem que, ele não gosta do almoço?» Pronto! Desvendado o que se tornara mistério para todos, o Brazuna, ao tempo chefe do Grupo, chamou o rapaz e admoestou-o. A resposta, entre soluços, deixou-o atónito: «Perdi a minha navalha!!»

Era grave o caso, muito grave mesmo, já por ser conhecida de todos a origem do objecto, já pelo chefe temer que algum dos seus pupilos se tivesse deixado tentar, calando-se com o possível achado, visto não se ter saído do acampamento. Interrogatório inútil a este e àquele; resolveu por fim o chefe pôr à prova a argúcia dos rapazes na pista do perdido, com a imposição de só se almoçar quando aparecesse. Já porque todos desejavam pôr termo ao tormento do pobre rapaz, já porque todos estavam com apetite, eram porfiados os esforços mas em vão.

Livres porém da suspeita de indevidamente algum deles se ter apoderado da navalha, lá foram para o almoço, formando-se um círculo de caras aborrecidas onde se não vislumbrava vontade de comer, rir ou gracejar, dentro dum silêncio cortado apenas pelos ruídos campestres e pelo bater da concha nos pratos.

Em dado momento foi o silêncio cortado por um som cavo como coisa rija a bater no fundo de um dos pratos e, ante o espanto geral, lá estava ela, envolvidinha em denso caldo como se a adenssá-lo mais.

Escusado será descrever a alegria provocada pelo acontecimento, como escusado será dizer que o apetite voltou de tal maneira que **todos** acharam o petisco maravilhoso, incluindo o torturado a quem não servindo a lição—nem a mim depois de a conhecer—a tornou a perder mais tarde, para não mais aparecer até hoje.

Pobre navalha de meu pai! Mais valeria continuares a temperar o bacalhau guisado de algum grupo de escoteiros, pois sempre alimentaria a esperança de te tornar a ver e talvez de começar a gostar do tal petisco!

FAUSTINO LEITÃO

Um acto de Bom-Senso de um Prefeito francês

O Prefeito da polícia de Paris, Leonard, proibiu um concurso de beleza fixado para quinta-feira próxima, em que duas raparigas disputavam o título de «Miss France». O Prefeito declarou: — «As raparigas francesas devem aprender a ser excelentes esposas. O seu objecto na vida não é ganhar campeonatos de beleza».

Do «*Primeiro de Janeiro*» de 5/1/49.

VULTOS DA NOSSA TERRA

Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão

A inveja é uma peçonha terrível de que são atacados quase sempre os mesquinhos e os sem-valor. No seu rastejar traiçoeiro roem os alicerces onde se elevam as figuras de mérito que honram a terra onde nasceram.

É este o caso de Bartolomeu de Gusmão, um rapaz cheio de qualidades, trabalhador infatigável, a quem intrigas venenosas prejudicaram, impedindo de frutificar os dotes de uma inteligência notável.

Nascido no Brasil, veio bem moço para Portugal. Trazia ideias assentes sobre o que pretendia fazer, porém, apesar da notável intuição que denotava para a física e mecânica, inscreveu-se na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, onde cursou com grande aproveitamento, dada a sua inteligência invulgar.

Ao estudar a figura deste notável português, há uma característica que logo impressiona: as múltiplas actividades a que se dedicava e os êxitos conseguidos em todas elas. Assim tinha conhecimentos profundos em Direito Civil, sendo chamado frequentes vezes a advogar as mais intrincadas causas, entre as quais ficou célebre a da Casa de Aveiro, que lhe ia fazendo perder o último ano do curso. Existe o texto de um sermão sobre a Senhora do Desterro, onde se pódem apreciar os vastos recursos oratórios do Padre Voador, em que de facto gozava de grande reputação. Aquando da fundação da Academia Real da História em 1720, foi escolhido para sócio da douta instituição. Como se não bastassem todos estes requisitos, ainda se pode admirar a sua faina de inventor que, se foi aquela a que dedicou a sua melhor atenção, foi também a que lhe havia de trazer as maiores angústias e desamores.

Entre os seus inventos contam-se um *processo mecânico para elevar a água, vários modos de esgotar sem gente as naus que fazem água, processo de fazer carvão de terra artificial,* e um *mecanismo com o emprego do qual os moinhos de rodízio e os engenhos de açúcar têm uma produção muito maior que a conhecida, sem ser necessária maior quantidade de água.*

Porém, entre estes inventos, foi a *Passarola,* o célebre aeróstato, que mais o notabilizou.

Não esqueçamos que a mentalidade acanhada daqueles tempos, não concebia que alguém pudesse vencer os ares, sem estar debaixo de um poder diabólico. A intolerância era senhora absoluta nessa época e assim não tardou que ao engenhoso padre fossem dirigidas as mais ferozes invectivas. Charlatão, feiticeiro e bruxo que tinha pacto com o diabo, foram alguns dos impropérios lançados ao precursor da aerostação. Mais tarde apareceram as hordas dos invejosos que, mais instruídos, lhes cumpria esclarecer o povo ignorante, mas que, contudo, aproveitando-lhe a superstição, procuravam levar D. João V a retirar a protecção que dedicava ao glorioso inventor. As intrigas teciam-se mansamente nos paços à volta do soberano, mas este, que tinha do Voador elevado conceito, não se deixou subjugar.

Contudo, a insistência desses rumores traiçoeiros, que já haviam levado o inventor a afastar-se algum tempo do seu país, tinha de produzir os seus efeitos. Estes vieram quando da devassa ao célebre caso da Madre Paula, favorita do rei. O padre Bartolomeu de Gusmão foi acusado, diz-se que injustamente, de manter entendimentos com aquela freira, a quem havia prometido filtros para obter certas finalidades, em vista da sua fama de necromante.

A Inquisição tinha-se posto em campo e, manobrada pelos inimigos do padre voador, não tardaria a despejar o fel do seu ressentimento sobre o infeliz inventor. Era poderoso o fanatismo e fraco Bartolomeu de Gusmão para lutar contra ele. Refugiou-se em Espanha onde veio a morrer nesse mesmo ano (1724) aos 19 de Novembro.

Não foi de todo infeliz o precursor da aerostação: hoje reconhece-se o seu valor e presta-se homenagem à sua inteligência prodigiosa.

Têm os escoteiros aqui um bom patrono para as suas patrulhas. Qualidades não lhe faltam: estudioso, investigador habilíssimo, grande amigo da sua Pátria, que sempre procurou enobrecer, persistente e humilde. Erguê-lo nas bandeirolas das nossas patrulhas é levantar um grito de revolta contra o fanatismo, a inveja e a insídia, venenos que a toda a hora procuram sufocar o Progresso e a Verdade.

JOEL RIBEIRO

• • o • •

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

MÉXICO

Faleceu no dia 5 de Maio passado a Sr.ª D. Maria Desormes de Lainé, esposa do presidente da Associação dos Escoteiros do México, Sr. Eng.º João Lainé. Este Chefe é um grande amigo do Escotismo e um dos «leaders» das Conferências Interamericanas de Escotismo que se têm realizado, a quem apresentamos condolências.

Dos Amigos do "Sempre Pronto„

Doentes — O nosso estimado amigo e assinante Sr. Francisco Gonçalves, membro do C. N. E., que, como noticiámos, fracturou uma perna em virtude de um atropelamento, teve a gentileza de nos agradecer o merecido cuidado que tivemos pela sua saúde, comunicando-nos que acabava de ter alta, após a prolongada convalescença. Congratulamo-nos com o facto.

De luto — Na Bélgica, faleceu recentemente o Pai da Chefe Escoteira Suzanne Cornil, simpática *girl-guide* que visitou o movimento escotista português em 1946, a quem o «*Sempre Pronto*» apresenta sentidas condolências.

• • o • •

ALGARVE

Grupo n.º 59 — Tavira

Nascimento—Em 3 do corrente, o lar do nosso amigo Sr. Dr. Armando José Rocheta Cassiano, antigo escoteiro do 77 e actual Presidente da Comissão de Patrocínio do Grupo; e de sua Esposa, foi enriquecido com um interessante *bébé*, a quem o Grupo n.º 59 e o «*Sempre Pronto*» desejam as maiores venturas, apresentando parabéns aos felizes pais.—C.

• • o • •

DE SETÚBAL

GRUPO N.º 40

Grupo Francês, de Lisboa—No dia 10 de Junho findo, acampou em Setúbal o Grupo de *Scouts de France* de Lisboa. No dia 11 o Grupo 40 acampou junto dos nossos camaradas franceses, que regressaram a Lisboa no dia 13, no meio da maior alegria, entoando canções escotistas.

Doente—Esteve gravemente enfermo o Guia da Patrulha «Gomes da Costa», Evaristo Cordeiro Ganinho, mas temos a satisfação de saber que se encontra já em convalescença. O «*Sempre Pronto*» faz votos de rápido restabelecimento.

Falecimento—Em 20 de Maio faleceu o menino Israel Serrano, de 4 anos de idade, filho querido do Chefe José Serrano e sobrinho do correspondente do nosso jornal, o Escoteiro Manuel M. Serrano. A toda a família de luto, em particular a estes dois camaradas, apresentamos condolências muito sentidas.

Actividade — Este Grupo continua em boa actividade, numa fase de grande trabalho, registando-se a entrada de novos aspirantes.

• • o • •

DE MOÇAMBIQUE

Pelo Sr. Miguel Francisco Mendonça, foi pedida em casamento, em Lisboa, para seu filho Alberto Borges de Mendonça, funcionário da Companhia de Moçambique, na Beira e delegado do nosso jornal em Moçambique, a menina Alice da Conceição Brás, filha do Sr. Manuel Brás e de sua esposa, Sr.ª D. Isaura Brás. O casamento deve realizar-se no próximo mês de Agosto.

● Fixou residência em Inhaminga o nosso assinante e antigo escoteiro do Grupo n.º 2, António Borges de Mendonça, onde foi assumir a Gerência da firma Madeiras Coloniais, Limitada. Ao nosso estimado assinante desejamos felicidades no desempenho do seu novo cargo.

● Encontra-se na Beira, onde vai fixar residência ,o nosso dedicado amigo e assinante, Sr. Manuel Diamantino da Silva, tendo deixado a seu pedido o serviço da Sociedade Chá Oriental em Milange.

● Faz anos no dia 13 do corrente o nosso amigo e assinante, Sr. Luís Bernardo, funcionário da Companhia de Moçambique.